

# PERFIL DE SAÚDE E ADOECIMENTO DE TRABALHADORES DAS HORTAS ORGÂNICAS URBANAS NO MUNICÍPIO DE MARINGÁ-PR

Jacqueline Pirez<sup>1</sup>, Raquel Gusmão Oliveira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Medicina, Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/UNICESUMAR.  
jac\_pirez@hotmail.com

<sup>2</sup>Orientadora, Doutora, Departamento de Medicina, UNICESUMAR. Professora do Departamento de Medicina.  
raquel.oliveira@unicesumar.edu.br

## RESUMO

Para alcançar os Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODM) da erradicação da fome e saúde e bem-estar, a agricultura sustentável tem sido considerada estratégica. O Brasil, tem se posicionado entre os segmentos com maior expressão produtora no destacado mundo do agronegócio, onde a sustentabilidade se tornou obrigatoriedade no sistema de cultivo. No entanto, inúmeros são os fatores que envolvem a agricultura sustentável, um deles que merece destaque, são as denominadas cargas laborais, que podem afetar a qualidade de vida e saúde dos trabalhadores e produzir doenças a longo prazo, desde físicas até as psíquicas. Em Maringá -PR, as hortas comunitárias criadas e mantidas pela prefeitura municipal fazem parte de um movimento que busca cumprir o direito humano à alimentação adequada e saudável com geração de renda e estímulo ao trabalho, mas que ainda precisa dar atenção a saúde e qualidade de vida dos trabalhadores envolvidos nessas hortas. Dessa forma, temos como objetivo identificar o perfil qualidade de vida e doenças relacionadas a atividade laboral. Trata-se de um estudo descritivo exploratório, realizado junto a 200 trabalhadores de 9 hortas urbanas de Maringá. Será realizado entrevistas utilizado o Perfil do Estilo de Vida Individual (NAHAS; BARROS; FRANCALACCI, 2000) e um questionário para identificação de queixas e doenças. Espera-se identificar a qualidade de vida dos trabalhadores e as principais doenças, com intuito de definir estratégias que irão minimizar os danos ocorridos pela atividade laboral e estratégias para a manutenção da qualidade de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** hortas urbanas; promoção a saúde; qualidade de vida;

## 1 INTRODUÇÃO

A horticultura brasileira ostenta uma variedade de produtos cultivados, de acordo com a Embrapa Hortaliças, há presença de mais de 70 itens, como abóbora, pepino, melancia, tomate de mesa e entre outros, e as folhosas com grande demanda pelo mercado consumidor. A estimativa que o setor brasileiro produz 19,6 milhões de toneladas/ano movimenta em torno de R\$ 25 bilhões/ano no País e esse valor supera os R\$ 40 bilhões de reais/ano quando inclui o varejo. Diante disso, várias tecnologias são implementadas para oferecer maior suporte e receber em troca maior produtividade e qualidade na mesa (CARVALHO et al., 2013).

A alimentação saudável é uma preocupação mundial, visto que a má alimentação é o principal fator de risco para as doenças crônicas não transmissíveis entre elas, doenças do aparelho circulatório, neoplasias, diabetes mellitus e outras que afetam cerca de quase 80% da população.

Investimentos têm sido feitos em alimentação de qualidade e sustentável, tornando as hortas orgânicas um destaque. Tudo isso, aliado a urbanização dessas hortas torna-se um indicativo de melhoria na qualidade da alimentação mundial e brasileira (MICHELLON, 2016). Porém, quando trata-se do trabalhador, este, que irá colocar em prática todos os manejos para se obter altas produtividades, a saúde centrada nessa pessoa torna-se irrelevante frente as metas exigidas, pois os riscos são vistos, muitas vezes apenas como atividades que levam ao risco iminente de morte, como intoxicação por agrotóxicos, ou acidente com animais peçonhentos, sendo negligenciados toda e qualquer atividade que geram doenças que levam a morbimortalidade a longo prazo (ROCHA, 2010).

Há inúmeros fatores que podem afetar a saúde dos trabalhadores e produzir doenças a longo prazo, são as denominadas cargas laborais e podem ser classificados em físicas, químicas, biológicas, mecânicas, fisiológicas e psíquicas. Os trabalhadores rurais, são expostos a todas as essas cargas laborais em diferentes intensidades e a situações que

oferecem riscos à sua saúde e variam desde variações de temperatura, exposição à radiação, posição laboral errada que contribui para distúrbios musculoesqueléticos (ROCHA, 2010).

Apesar de todos esses fatores levarem ao adoecimento do trabalhador, o manuseio com agrotóxicos é o mais visado, pois constata-se que na prática ainda faltam muitas informações para utilização dos químicos, além de conhecimento dos danos à saúde que pode ocorrer com o manuseio indevido dos produtos, assim essa falta de treinamento é convertida em problemas graves à saúde e ao meio-ambiente. Um estudo realizado em dez comunidades do município de Vitória de Santo Antão-PE, evidenciou que dos 230 trabalhadores rurais estudados, 61,3% dos entrevistados utilizavam agrotóxicos e apenas 0,9% aplicavam o produto com orientação de técnicos especialistas, além disso, 27,7% não usavam equipamentos de proteção individuais, além disso, 23,3% utilizavam os rios para lavagem dos equipamentos e 31,5% reutilizavam as sobras das caldas em outras aplicações (SIQUEIRA, 2013). Ademais, outro estudo realizado para descrever o perfil dos agricultores que trabalhavam com horticultura na Paraíba, quanto à produção e o conhecimento no manejo de agrotóxicos nas plantações e a relação com a própria saúde, os participantes afirmaram que utilizavam agrotóxicos rotineiramente, de forma indiscriminada em todas as culturas e desconheciam o período de carência correto do produto e que não utilizavam equipamentos de proteção individuais (SILVA; ARAÚJO; MELO, 2013).

A implantação de hortas orgânicas diminui as intoxicações, previne doenças a longo prazo como neoplasias diversas e problemas respiratórios, por exemplo e aumentam a qualidade de vida não só de quem consome os produtos, mas também de quem os produz. No município de Maringá-PR há 27 hortas comunitárias urbanas distribuídas por todas as regiões e a sua produção é isenta de agrotóxicos e os relatos dos participantes do projeto são de que houve melhora na saúde física e mental, diminuição do uso de medicamentos e aumento da sociabilidade (MICHELLON, 2016).

A não utilização dos defensivos químicos seriam de grande contribuição para a saúde do trabalhador, porém o uso de agrotóxicos é um dos vários riscos os quais os mesmos são expostos diariamente. Nas atividades realizadas, observa-se que as funções manuais, sem uso de equipamentos tecnológicos, são encontradas na maioria das situações de trabalho. Tanto a limpeza da área, quanto o plantio, extração e preparação para a comercialização são realizadas ainda sem o auxílio de ferramentas mais modernas, necessitando de alta taxa de energia para exercer grandes esforços. A exposição diária a temperaturas mais altas, principalmente das 10h às 14h promove elevação de temperatura corporal, em média de 1,5°C a cada 90 minutos, promovendo a sobrecarga física que se juntará a vários outros fatores como idade, alimentação inadequada, insônia, tabagismo, alcoolismo, transformando-se em variados tipos de doenças (FERNANDES et al., 2014).

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de natureza quantitativa. Será realizado junto a 200 pessoas que trabalham em 9 hortas urbanas no município de Maringá: Horta comunitárias Itaipu, Iguaçu, Borba Gato, Universo, Tarumã, Paraíso, Europa e duas no Cidade Alta, que pertencem a uma área delimitada no quadrante 3, demarcadas em verde, no mapa das hortas comunitárias urbanas (Figura 1).

Os dados serão coletados por meio de um instrumento auto-aplicado e entrevistas estruturadas, realizadas nas hortas, com dia e horário agendados com os trabalhadores.

Serão esclarecidos os objetivos da pesquisa e suas contribuições, bem como assinar o termo de consentimento esclarecido. O estudo será conduzido em consonância com as diretrizes da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

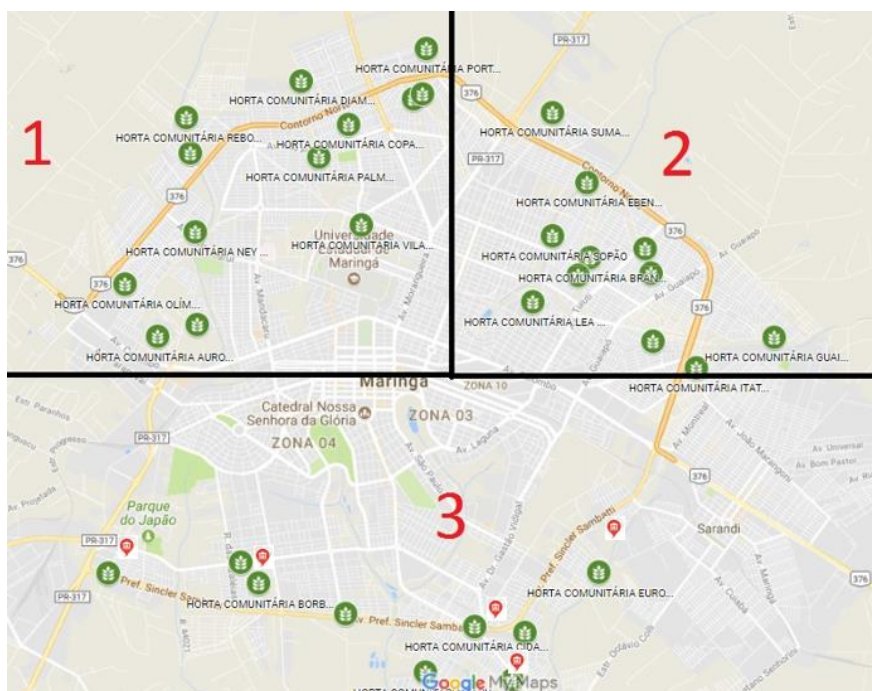


Figura 1- Mapa das hortas comunitárias do município de Maringá  
Fonte: Google Maps.

Para o perfil de saúde e qualidade de vida será utilizado o questionário autoaplicável de Nahas; Barros; Francalacci, (2000). Este questionário é constituído por 15 perguntas, distribuídas em 5 componentes: alimentação, atividade física, comportamento preventivo, relacionamentos e controle do estresse.

Para identificar o perfil das doenças será utilizado um questionário semiestruturado adaptado a partir das fichas de cadastramento das ACS, buscando identificar riscos e problemas de saúde provenientes da atividade laboral.

Os dados serão tabulados com auxílio do Excel, os quais serão analisados por estatística descritiva e frequência simples.

### **3 RESULTADOS ESPERADOS**

Espera-se identificar hábitos de vida saudáveis e doenças que acometem os trabalhadores das hortas urbanas, para que sejam definidas estratégias que possam minimizar os danos ocorridos pela atividade laboral e potencializem o comportamento positivo.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a qualidade de vida como: “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (SILVA, 2008).

Os determinantes da saúde do trabalhador compreendem os condicionantes sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais responsáveis pelas condições de vida e os fatores de risco ocupacionais (BRASIL, 2001).

Assim, para que haja a qualidade de vida na saúde do trabalhador, deve-se haver ações que identifiquem problemas, proponham melhores condições de trabalho e isso é uma tarefa de atuação multiprofissional, interdisciplinar e intersetorial (CARGNIN; MIOTTO; GERMANI, 2011).

## 5 REFERÊNCIAS

- BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001. Disponível em:  
[http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/doencas\\_relacionadas\\_trabalho\\_manual.pdf](http://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/doencas_relacionadas_trabalho_manual.pdf)
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012. Disponível em:  
[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)
- CARGNIN, M. C. dos S.; MIOTTO, G. A.; GERMANI, A. R. M. Qualidade de vida de trabalhadores rurais do município de Taquaruçu do Sul – RS. Revista de Enfermagem Frederico Westphalen, v. 6-7 n. 6-7, p. 171 – 190, 2011.
- CARVALHO, C. et al. Anuário Brasileiro de Hortaliças. Santa Cruz do Sul-RS: Editora Gazeta Santa Cruz, 2013. Disponível em:  
[http://www.icna.org.br/sites/default/files/artigo/Anuario\\_hortalicas\\_2013\\_0.pdf](http://www.icna.org.br/sites/default/files/artigo/Anuario_hortalicas_2013_0.pdf).
- FERNANDES, C. A.; MANNRICH, G.; MERINO, G. S. A. D.; TEIXEIRA, C. S.; GONTIJO, L. A.; MERINO, E. A. D. M. Queixas musculoesqueléticas e a atividade de agricultura familiar. Revista Digital. Buenos Aires. Nº 193, 2014. Disponível em:  
<https://www.efdeportes.com/efd193/queixas-musculoesqueleticas-e-agricultura-familiar.htm>
- MICHELLON, E. Hortas Comunitárias de Maringá: um Modelo de Agricultura Urbana. Maringá-PR. Ed: Clichetec. 92p. 2016.
- NAHAS, M. V.; BARROS, M. V. G.; FRANCALACCI, V. O pentágulo do bem-estar: base conceitual para avaliação do estilo de vida dos indivíduos ou grupos. Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 48-59, 2000.
- ROCHA, F.L.R.; SOUZA, J. A.; MARZIALE, M. H. P.; ROBAZZI, M. L. C.C.; GABRIEL, C. S. Perfil de adoecimento de trabalhadores rurais no interior do estado de São Paulo. Cienc Cuid Saude. 2010. Disponível em:  
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/13818/7189>
- SILVA, J. P. L.; ARAÚJO, M. Z.; MELO, L. C. Q. Panorama da Vulnerabilidade da Saúde do Agricultor Familiar de São José de Princesa/PB. Revista Brasileira de Ciências da Saúde. V 17 Nº 1, Páginas 29-38, 2013. Disponível em:  
<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rbcs/article/viewFile/13652/9402>
- SILVA, T. T. R. Estratégias organizacionais para a promoção de saúde e qualidade de vida: avaliando a qualidade de vida no trabalho. Campinas, SP, 2008. Disponível em:  
[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275178/1/Silva\\_TelmaTerezinhaRibeiro\\_a\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275178/1/Silva_TelmaTerezinhaRibeiro_a_M.pdf)
- SIQUEIRA, D. F. Análise da exposição de trabalhadores rurais a agrotóxicos. Revista Brasileira de Promoção a Saúde, Fortaleza, CE: 2013. Disponível em:  
<https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/2902>.